

A construção de objetos-de-discurso em textos de divulgação científica midiática para crianças

Marcos Filipe Zandonai¹

RESUMO:

O presente trabalho investiga o processo de construção de objetos-de-discurso (KOCH, 2003; 2006; 2008b) em textos de divulgação científica midiática (doravante DCM) destinados ao público infantil. A concepção de referenciação discursiva (CAVALCANTE, 2003, 2011; KOCH, 2003; 2006; 2008b; MONDADA, 2002) embasa as descrições, análises e teorizações sobre os objetos-de-discurso do texto de DCM para crianças. As ações emergentes em prol do letramento e da cultura científica (VOGT, 2003) em várias instâncias sociais e a necessária especificidade dessas medidas quando dirigidas às crianças motivam este trabalho, que se preocupa justamente com o tratamento linguístico-discursivo dos objetos da ciência perante o público infantil. Propõe-se, aqui, um estudo descritivo dos objetos-de-discurso presentes em artigos e reportagens de DCM publicados na revista impressa *Ciência Hoje das Crianças*. Investiga-se principalmente a hiponímia, que é preponderante no movimento que parte dos termos cotidianos e desemboca em expressões especializadas, ainda que se contemplem as implicações semiodiscursivas de hipônimos e hiperônimos e os desdobramentos que essa relação engendra. Entende-se que as marcas anafóricas dos textos do *corpus* são influenciadas pelas restrições do contrato de comunicação midiático (CHARAUDEAU, 2008a), como, por exemplo, as visadas de captação e informação. Essas anáforas são concebidas como recursos que visam a uma esquematização (GRIZE, 1996) dos objetos em prol de esquemas inteligíveis para as crianças. Os resultados mostram que as operações sociocognitivas que estão envolvidas nas (re)categorizações dos objetos-de-discurso são indicativas das encenações (CHARAUDEAU, 2009), estados e modos de recepção e tratamento do tema pelos parceiros da atividade languageira, revelando a centralidade da hiponímia nesse processo.

Palavras-chave: Divulgação Científica Midiática, Objetos-de-discurso, Hiponímia.

ABSTRACT:

This research investigates the process of construction of discourse objects (KOCH, 2003; 2006; 2008b) in scientific popularization texts for children. The concept of discursive referentiation (CAVALCANTE, 2003, 2011; KOCH, 2003; 2006; 2008 b; MONDADA, 2002), bases the descriptions, analysis and theorization about the objects of discourse present in the text of scientific popularization for children. The emergent actions in favor of the literacy and scientific culture (VOGT, 2003) in several social instances and the necessary specificity of these measures when directed to children motivate this study, which is precisely concerned with the linguistic-discursive treatment of the science objects towards the child reader. A descriptive study of the objects of discourse present in articles and reports of scientific popularization published in the printed magazine *Ciência Hoje das Crianças* is proposed here. It is investigated, mainly, the hyponymy, which is preponderant in the movement that starts from everyday terms and culminates in specialized expressions, though

¹ Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA – UNISINOS) e graduando em Letras (UNISINOS).

the semiodiscursive implications of hyponyms and hypernym and the developments that this relation engenders are also contemplated. It is understood that the anaphoric marks of the texts which compose this research *corpus* are influenced by the restrictions of the media communication contract (CHARAUDEAU, 2008a), such as, for example, the purposes of captivation and information. These anaphora are conceived as resources which aim to a schematization (GRIZE, 1996) of the objects in favor of intelligible schemes for the child readers. The results indicate that the sociocognitive operations which are involved in the (re)categorizations of the objects of discourse are indicative of the *mise en scène* (CHARAUDEAU, 2009) and of the states and modes of the theme reception and treatment by the partners of the communicative activity, revealing the hyponymy centrality in this process. **Key words:** Media scientific popularization, Discourse objects, Hyponymy.

1. Introdução

A democratização no acesso aos artefatos e aos saberes da ciência vai configurando-se no entrelaçamento entre ciência, escola e cotidiano, pela implantação de mecanismos de desenvolvimento da cultura científica (VOGT, 2003), pois a recepção da ciência depende do domínio que se tem sobre ela e do interesse por ela. A revista *Ciência Hoje das Crianças* constitui apenas uma das instâncias de divulgação de assuntos de variadas áreas tratados cientificamente. Essa revista, como veículo de comunicação comprometido com a clareza das informações para o público leigo infantil, por meio dos textos de divulgação científica midiática (doravante DCM) que produz, pretende “mostrar que a ciência pode ser divertida e que está presente na vida de todos nós” (CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS, 2012). Isso confirma o empenho na aproximação entre ciência e cotidiano, *a priori* desvinculados entre si, mas que podem entrelaçar-se na medida em que a revista se esforça em “despertar a curiosidade de meninos e meninas” (CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS, 2012), que são seu público-alvo.

Essa aproximação do cientista divulgador com a criança leitora é efetivada discursivamente por denominações consideradas inteligíveis, isto é, pelo uso estratégico de determinadas anáforas, consideradas como marcas linguísticas da referência (KOCH, 2003, 2006, 2008b, MONDADA, 2002, MONDADA & DUBOIS, 2003), fenômeno constitutivo de qualquer ato de linguagem. A construção referencial é uma ação de parceria, concretizada “num processo interacional, cognitivo e socialmente situado” (ZAMPONI, 2005, p. 173). Além disso, as anáforas revelam marcas do contexto de comunicação, pois se justificam pelas restrições linguageiras estabelecidas pelo contrato de comunicação, o que

torna explicável o emprego de certas expressões nominais anafóricas à luz da Teoria Semiolinguística do discurso, proposta por Charaudeau (2006, 2008a, 2009).

O presente artigo² se inscreve no prisma teórico supramencionado e busca apresentar os modos de construção de objetos-de-discurso em textos (artigos e reportagens) de DCM publicados na revista impressa *Ciência Hoje das Crianças*. Busca-se, por meio deste trabalho, compreender as operações sociocognitivas envolvidas na escolha de objetos que se configuram, inicialmente, no texto como termos do cotidiano e transformam-se posteriormente em expressões técnico-especializadas. Para tal empreendimento, este subprojeto de pesquisa procura (1) analisar as macro e microproposições que carregam as anáforas e suas implicações sobre a produção de sentidos dessas expressões referenciais, e conseqüentemente sobre as cenas enunciativas, (2) examinar o papel do processo de coconstrução das anáforas enquanto fator que se configura conforme a visadas e o fim discursivo dos textos, e (3) explorar as representações de sujeitos do discurso que são engendradas nas anáforas – e conseqüentemente nas cenas.

2. Referencial teórico

Na situação de DCM dirigida ao público infantil, o produtor do texto (cientista ou jornalista divulgador) se encontra numa relação contraditória (CHARAUDEAU, 2006, 2008b), pois precisa atender ao mesmo tempo às expectativas da seriedade e da emocionalidade, que são restrições do contrato de comunicação em que está inserido (CHARAUDEAU, 2006, 2008a). A popularização da ciência para a criança, em geral, depende de um grande esforço linguístico de despojamento no tratamento do tema e de reformulação de denominações, tendo em vista uma simplificação terminológica. Essas reformulações são resultado na ação (inter)discursiva que gera a esquematização, pois o leitor atua como reconstrutor do discurso (GRIZE, 1996). Desta forma, o microuniverso do texto acaba incorporando índices conceituais que vão sendo negociados à procura dos ajustamentos/versões melhoradas para as designações.

2 Este artigo é resultado de um subprojeto de pesquisa, que está vinculado ao projeto *Divulgação Científica: Estrutura Retórica e Organização Textual* (DCEROT), coordenado pela Profa. Dra. Maria Eduarda Giering. Esse projeto tem como objetivo investigar os procedimentos linguístico-discursivos da midiática da ciência, e está associado à linha de pesquisa *Texto, Léxico e Tecnologia* do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA – UNISINOS).

O despojamento do tema e as reformulações se dão principalmente na categorização constante dos objetos-de-discurso (KOCH, 2003, 2006, 2008b). Cada categorização evoca universos da criança, memórias e representações que são pré-construtos culturais (GRIZE, 1996). As microproposições que comportam categorizações específicas correspondem a cenas (MONDADA, 2002) ou estados/etapas de encenação, de *mise-en-scène* (CHARAUDEAU, 2009), compostas por muitos desses construtos. Essas noções pressupõem a flexibilidade proposital, a dimensão *ad hoc* dos objetos-de-discurso (MONDADA, 2002), assegurando que o objeto da ciência seja visto por perspectivas diferentes (pelo olhar do público leigo infantil, por exemplo). Considerando que essa instabilidade categorial implica “diferentes categorizações da situação, dos atores e dos fatos” (MONDADA, 2002, p. 121), é possível prever que um determinado rearranjo anafórico institui uma atuação do destinatário, uma faceta de sua identidade.

A negociação existente entre saberes do senso comum e os sistemas especializados requer a colaboratividade (MONDADA, 2002) na criação de anáforas mais simples, nas sequências informativas e/ou explicativas. Por isso, pode-se afirmar que “o texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciador, sentido/referência e coenunciador, num dado contexto sociocultural” (CAVALCANTE, 2011, p. 17). Textualmente, para dar conta da colaboratividade e dos fins discursivos, as anáforas exercem, simultaneamente, duas funções cognitivo-discursivas, na medida em que “reativam referentes já presentes na memória discursiva e introduzem novas predicções a respeito deles” (KOCH, 2002b *apud* CAVALCANTE, 2011, p. 44).

O sentido do objeto-de-discurso é construído mediante uma solicitação (requerimentos do entorno interacional), de modo que a expressão discursiva desse sentido é fruto da esquematização (GRIZE, 1996). Na DCM para crianças, os objetos, uma vez esquematizados, adquirem configurações intercambiáveis, movimentos diversos, pois como assinala Moirand (2000, p. 12) “a exigência denominativa dos discursos científicos-fonte dá lugar, nos discursos segundos, a uma abrangência de reformulações”. Evidencia-se, nesta perspectiva, a constituição de “versões ‘leigas’ do conhecimento especializado” (ZAMPONI, 2005, p. 172), não mais circunscritas às designações puramente acadêmicas. As opções de nomeação são resultados inéditos e situados, porque “se reconstroem e se amoldam ao que está sendo negociado entre os interlocutores, dependendo de seus propósitos enunciativos” (CAVALCANTE, 2003, p. 10).

3. Metodologia

O *corpus* do projeto de pesquisa é composto por 75 textos de DCM na revista impressa *Ciência Hoje das Crianças*, os quais pertencem às edições que compreendem o período de novembro de 2008 a julho de 2010. Foram escolhidos textos que tinham como finalidade informar alguma descoberta científica ou explicar determinado fenômeno natural. Para o presente subprojeto de pesquisa, fez-se um enfoque do *corpus* que resultou em 47 textos, todos contendo relação de hiponímia. Essa seleção se justifica pelo fato de, na “pré-análise” integral (envolvendo todo o *corpus*), a hiponímia ter se manifestado de forma recorrente no movimento referencial que parte do termo comum e desemboca em expressões técnicas. Considerando que esse movimento referencial é o foco do estudo, optou-se por analisar mais detalhadamente os textos com hiponímia e investigar as implicações discursivas dessa ocorrência na continuidade do texto.

Para fins de análise, observam-se as operações sociocognitivas da relação de hiponímia e dos casos anafóricos posteriores, entendidos como desdobramentos linguístico-discursivos da hiponímia. Esses dados anafóricos são examinados quanto às circunstâncias cotextuais em que estão envolvidos indicadores de encenações.

Para exemplificar as encenações que são ativadas ao longo das categorizações, é apresentada aqui a análise de um artigo do *corpus* intitulado “Por que alguns insetos têm o esqueleto fora do corpo?” (seção *Resultados*). Esse artigo explica o funcionamento do exoesqueleto de insetos e sua relevância biológica. As observações analíticas acompanham os excertos, na seção 3 (*Resultados*), a fim de facilitar a leitura, que depende da consulta às ocorrências textuais.

4. Análise dos dados

(1) POR QUE ALGUNS INSETOS TÊM O ESQUELETO FORA DO CORPO?

(2) Se disserem a você que esqueleto é coisa que fica sempre dentro do corpo, duvide! (3) É isso mesmo: porque, em alguns animais, ele fica por fora, como uma capa. (4) Funciona como uma armadura, que protege contra a perda de água e contra o ataque de predadores. (5) O exoesqueleto, portanto, pode ser considerado o escudo dos insetos.

(6) Todos os insetos têm exoesqueleto, que é feito de quitina, mesma substância encontrada em nossas unhas e cabelos. (7) E ele vai sendo trocado ao longo da vida do animal. (8) Isso acontece porque o exoesqueleto não estica, não cresce como acontece com os nossos ossos. (9) Quando o inseto cresce, o exoesqueleto fica apertado. (10) Então, ele se rompe e é substituído por outro, mais folgado, que já está sendo formado por baixo do primeiro.

(11) A quantidade de vezes que os insetos fazem essa troca varia de acordo com o grupo a que pertencem. (12) Vamos tomar como exemplo um bicho bem curioso, o besouro *Zatrephina lineata*, primo da joaninha. (13) No Brasil, ele é encontrado no Pantanal. (14) O *Zatrephina lineata* troca de exoesqueleto nada mais nada menos do que cinco vezes enquanto é apenas uma larva. (15) Porém, nesta fase da vida, ele não se desfaz da velha armadura como os outros insetos. (16) Ao contrário: guarda ela em um lugar bem incomum, na ponta do bumbum.

(17) Bom, todo mundo sabe que o bumbum é porta de saída do cocô da maioria dos animais. (18) Pois bem, toda vez que o *Zatrephina lineata* tem essa vontade, ele junta as fezes com o exoesqueleto velho, que já está colado na ponta do bumbum e... (19) Dessa mistura surge uma espécie de cauda, que o recobre, protegendo seu corpo inteiro, como um escudo. (20) Esse inseto, na fase de larva, não costuma ficar sozinho. (21) Está sempre junto de seus irmãos. (22) Afinal, são ainda muito indefesos e precisam de alguns artifícios para sobreviverem. (23) Por isso, eles têm uma cor amarelo-ovo com preto, que o predador entende como: "Perigo!". (24) No caso do *Zatrephina lineata*, não há perigo algum, mas costuma funcionar. (25) Se, no entanto, o predador insiste em se aproximar, as larvas erguem juntas seu superescudo - a mistura de cocô com o exoesqueleto - e começam a girá-lo no ar no sentido do ponteiro do relógio, parecendo um rebolado. (26) Fazem essa coreografia até a ameaça passar. (27) Depois, voltam à rotina, como se nada tivesse acontecido.

Carla Lopes Velásquez,
Ecologia e Conservação da Biodiversidade,
Universidade Federal de Mato Grosso.
(VELÁSQUEZ, 2009, p. 19).

O termo corriqueiro “esqueleto” – que, embora científico, é facilmente compreendido pelas pessoas em geral – instaura uma ruptura em nível epistêmico que repercute na manutenção do papel enunciativo do destinatário. O questionamento provoca a reconstrução do posicionamento do leitor, que do senso comum passa para o estágio de pessoa curiosa, de espírito investigativo, que deverá repudiar a concepção de esqueleto como “coisa que fica sempre dentro do corpo” (segmento 2). Essa é a primeira etapa para a veiculação do novo saber, porque prepara a criança para as sequências informacionais e explicativas que estão por vir. Aquilo que era conhecido como verdade pelo destinatário transforma-se num conflito cognitivo, que, uma vez tratado como problema, passa a ser desvendado ao longo do texto por meio da explicação (as razões da existência do exoesqueleto, sua função biológica). Giering (2008, p. 4) salienta que, no artigo de DC dirigido ao público infantil, “predominantemente são focalizados fenômenos cujas características ou funcionamento são desconhecidos pelo leitor, os quais serão desvendados pelo texto, fazendo-o compreender o ‘enigma’, que será encarado, a partir de então, sob uma perspectiva diferente”.

Para inaugurar a nova perspectiva, o locutor faz uma comparação, no segmento 3, orientada por uma operação sociocognitiva assentada nas memórias do leitor, estabelecidas pelas vivências socioculturais, conforme se verifica no excerto:

(2) Se disserem a você que esqueleto é **coisa que fica sempre dentro do corpo**, duvide! (3) É isso mesmo: porque, em alguns animais, ele fica por fora, **como uma capa**. (4) Funciona **como uma armadura**, que protege contra a perda de água e contra o ataque de predadores. (5) O exoesqueleto, portanto, pode ser considerado **o escudo dos insetos**. (VELÁSQUEZ, 2009, p. 19, grifos meus).

A memória em jogo é aquela que liga o conceito de estrutura externa ao corpo (esqueleto que fica do lado de fora) à capa, que também tem a função de resguardar fisicamente algo ou alguém. O *esqueleto que fica fora do corpo* também é comparado a “armadura” (segmento 4) e “escudo” (segmento 5), pois esses vocábulos teriam a vantagem de expressar o conceito de estrutura externa ao corpo, mas que fica acoplada a ele, de modo que protege a dimensão corpórea do animal diretamente. Constata-se que as comparações que delimitam o objeto cognoscível são entidades da esquematização discursiva que operam em prol da inteligibilidade do conteúdo proposicional. Essas asserções comparativas fazem compreender a noção de exoesqueleto, processo que depende da visibilidade do conceito com o referente, não necessariamente condizente, à primeira instância. As comparações têm uma abordagem antropomorfizante, pois o locutor se vale da ideia de indivíduo que veste uma capa ou que dispõe, onipotentemente, de armadura ou escudo. Os elos com o caráter simbólico – extradiscursivo - dessas entidades revelariam a projeção da representação do leitor, uma criança que está exposta a desenhos animados e brinquedos que apelam para ações de luta. Embora, até o presente momento, esses elementos se restrinjam às comparações, observa-se que esse jogo sociocognitivo é anaforizado no segmento 15 com o emprego de “a velha armadura”. Com essa organização discursiva, a criança que lê o artigo vai gradativamente familiarizando-se com o tema, o que intensifica a visada fazer-sentir. Isso se verifica no excerto a seguir:

(15) Porém, nesta fase da vida, ele não se desfaz da **velha armadura** como os outros insetos. (VELÁSQUEZ, 2009, p. 19, grifo meu).

Esse tratamento metafórico do objeto-de-discurso é um recurso semiológico da encenação (CHARAUDEAU, 2009) incorporado pelos parceiros da atividade linguageira do artigo, pois o locutor reformula o conceito de exoesqueleto para torná-lo mais acessível, isto é, vulgariza o saber científico, situa-o num novo quadro enunciativo. Nessa encenação, o

produtor do texto entende que a assimilação da nomenclatura científica (exoesqueleto) requer cautelas. Por isso, o objeto-de-discurso se submete a significados generalistas, assegurados pelo hiperônimo.

As marcas metafóricas de “exoesqueleto”, que revelam elementos da faceta *criança*, estão assentadas na colaboratividade (MONDADA & DUBOIS, 2003), o que é averiguável nas dualidades da hiponímia e nas ocorrências do seguinte excerto:

(5) O exoesqueleto, portanto, pode ser considerado **o escudo dos insetos**.
(6) Todos os insetos têm **exoesqueleto**, que é feito de quitina, mesma substância encontrada em nossas unhas e cabelos. (7) E **ele** vai sendo trocado ao longo da vida do animal. (8) Isso acontece porque **o exoesqueleto** não estica, não cresce como acontece com os nossos ossos. (9) Quando o inseto cresce, **o exoesqueleto** fica apertado. (10) Então, **ele** se rompe e é substituído por outro, mais folgado, que já está sendo formado por baixo do primeiro. (VELÁSQUEZ, 2009, p. 19, grifos meus).

Ao empregar a pronominalização, sugere-se que o termo metafórico – e também o científico - já possui um endereço cognitivo estável na memória discursiva e pode ser facilmente recuperado na mente do destinatário. A tensão entre o informar e o captar fica evidente na atitude do enunciador de enfatizar que o exoesqueleto não é, de fato, um escudo (enunciado do segmento 5).

No que concerne à veiculação de “exoesqueleto”, verifica-se o uso do hiperônimo “o esqueleto fora do corpo” (título) e a inserção secundária do termo especializado, hipônimo, “exoesqueleto” (segmento 5). Essa ordem sequencial também aparece na retomada da asserção ampla “um bicho bem curioso” (segmento 12) pela expressão especializada “o besouro *Zatrephina lineata*” (segmento 12). O mesmo acontece entre o segmento 17, que apresenta primeiramente a expressão abrangente “a maioria dos animais”, e o segmento 18, que expõe o nome técnico “o *Zatrephina lineata*”. Essa organização anafórica se dá pela relação de hiponímia (observável nos casos em negrito do excerto abaixo), que parece garantir o aproveitamento das ideias do cotidiano do leitor antes de inaugurar lógicas de denominação mais árduas. Esse fenômeno também é averiguável nos grupos nominais em negrito do excerto a seguir:

(5) O exoesqueleto, portanto, pode ser considerado **o escudo dos insetos**.
(6) Todos os insetos têm **exoesqueleto**, que é feito de quitina, mesma substância encontrada em nossas unhas e cabelos. (7) E ele vai sendo trocado ao longo da vida do animal. (8) Isso acontece porque **o exoesqueleto** não estica, não cresce como acontece com os nossos ossos. (9) Quando o inseto cresce, **o exoesqueleto** fica apertado. (10) Então, ele se rompe e é substituído por outro, mais folgado, que já está sendo formado por baixo do primeiro.

(11) A quantidade de vezes que os insetos fazem essa troca varia de acordo com o grupo a que pertencem. (12) Vamos tomar como exemplo **um bicho bem curioso, o besouro Zatrephina lineata**, primo da joaninha. (13) No Brasil, ele é encontrado no Pantanal. (14) **O Zatrephina lineata** troca de exoesqueleto nada mais nada menos do que cinco vezes enquanto é apenas uma larva. (15) Porém, nesta fase da vida, ele não se desfaz da velha armadura como os outros insetos. (16) Ao contrário: guarda ela em um lugar bem incomum, na ponta do bumbum. (17) Bom, todo mundo sabe que o bumbum é porta de saída do cocô da maioria dos animais. (18) Pois bem, toda vez que **o Zatrephina lineata** tem essa vontade (...). (VELÁSQUEZ, 2009, p. 19, grifos meus).

O vocábulo “superescudo”, de caráter metafórico, tem um valor exagerado na ideia de proteção, admissível no caso de uma luta, que é hipoteticamente descrita no segmento 25, na citação a seguir. A anáfora sugere o elevado potencial que o exoesqueleto possui, por meio da inserção do prefixo *super-*. No entanto, mesmo que o produtor seja criativo nessa construção lexical, é influenciado pela seriedade do discurso de DCM, pois lança mão da glosa.

(25) Se, no entanto, o predador insiste em se aproximar, as larvas erguem juntas seu **superescudo** - a mistura de cocô com o exoesqueleto - e começam a girá-lo no ar no sentido do ponteiro do relógio, parecendo **um rebolado**. (26) Fazem **essa coreografia** até a ameaça passar. (27) Depois, voltam à rotina, como se nada tivesse acontecido. (VELÁSQUEZ, 2009, p. 19, grifos meus).

O movimento que as larvas fazem com o superescudo é comparado a um “rebolado”, e no segmento 26, esse fenômeno é categorizado como “essa coreografia”. O tratamento metafórico desse fato biológico é regido por uma ênfase ao movimento, de modo que o ato corpóreo das larvas parece assemelhar-se, conforme a semiologização do enunciador, aos movimentos do ser humano quando dança. A metáfora utilizada fornece visibilidade à propriedade biológica para o leitor infantil, que provavelmente nunca teve contato com os animais referenciados. Tem-se aí uma antropomorfização que garante simultaneamente o entendimento do conteúdo proposicional e a manutenção do fazer-sentir.

5. Resultados e Considerações finais

Verificou-se neste trabalho que a contextualização (etapa de preparação) da temática se institui geralmente pela relação de hiponímia, como recurso por excelência, mais adequado para propor os primeiros esquemas predicativos do objeto-de-discurso. O hipônimo e o hiperônimo compartilham traços conceituais e, portanto, a elucidação de suas dimensões e propriedades agrega a recuperação das noções do senso comum e facilitam o ajustamento do

leitor às proposições científicas. Isso acontece porque a hiponímia tem a vantagem de assegurar “um mínimo de estabilidade informacional, visto que a anáfora por hiperonímia funciona necessariamente por recorrência a traços lexicais” (KOCH, 2006, p. 266). Essa relação, ao atender aos sistemas de compreensão do senso comum ao mesmo tempo em que atende às estruturas cognoscitivas da comunidade científica, supõe que o locutor se adeque a duas instâncias diferentes. A referenciação por hiponímia se configura como um território cauteloso, simplificador e convidativo para “definir um termo ou introduzir um vocábulo técnico da maneira mais concisa possível”, de modo que “esse tipo de anáfora torna-se um auxiliar valioso no discurso de divulgação científica” (KOCH, 2006, p. 267).

A relação de hiponímia está, na maioria das vezes, envolvida no movimento que parte da expressão comum e desemboca em termos especializados, o que a torna um prerequisite para as operações sociocognitivas posteriores, como a meronímia, a metáfora e as pronominalizações. Considerando sua pertinência e seu caráter convidativo no texto de DCM dirigido ao leitor infantil, observou-se que a hiponímia atua na manutenção da tensão entre o informar e o captar e/ou o explicar e o captar, estabelecendo dinâmicas de representação do sujeito leitor, sempre situadas e voláteis. As diferentes representações correspondem aos requerimentos das cenas - ou estados de encenação -, observáveis nos cotextos, isto é, tanto nas marcas anafóricas quanto nas suas predicções. Essas circunstâncias cotextuais justificam, dessa forma, os posicionamentos enunciativos dos parceiros da atividade linguageira.

6. Referências Bibliográficas

CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CHARAUDEAU, P. **La médiatisation de la science**. Bruxelas: De Boeck, 2008b.

_____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

CIÊNCIA Hoje das Crianças *on line*. Sobre a CHC. Disponível em: <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/sobre-a-chc/>>. Acesso em: 10 abr 2012.

GIERING, Maria E. A argumentação em artigos de divulgação científica: o fim discursivo fazer-criar e as escolhas do produtor. In: **Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso, v. 1, p. 1-12**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. **Logique naturelle et communications**. Paris: PUF, 1996.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia (Orgs.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ª ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. p. 263-276.

_____. **Como se constroem e reconstroem os objetos do discurso**. Investigações (Recife), v. 21, p. 99-114, 2008b.

MONDADA, Lorenza. Construction des objets de discours et categorisation: une approche des processus de référenciation. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. **Revista de Letras (Fortaleza)**, Fortaleza, v. 1/2, n. 24, p. 118-130, 2002.

VELÁSQUEZ, Carla L.. Por que alguns insetos têm o esqueleto fora do corpo? In: **Ciência Hoje das crianças**: revista de divulgação científica para crianças. Rio de Janeiro, nº 205, p. 19, setembro de 2009.

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml>>. Acesso em: 07 ago 2007.

ZAMPONI, Graziela. Estratégias de construção da referência no gênero de popularização da ciência. In: KOCH, Ingedore V. K.; MORATO, Edwiges; BENTES Anna Christina B. (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 169-195.